



**Programa de rádio “Café com o Presidente”, com o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva**

**Rádio Nacional, 12 de março de 2007**

**Luiz Fara Monteiro:** Olá, você em todo o Brasil. Começa agora o “Café com o Presidente”, o programa de rádio do presidente Lula. Como vai, Presidente?

**Presidente:** Bom dia, Luiz. Bom dia, ouvintes. Tudo bem, Luiz.

**Luiz Fara Monteiro:** Presidente, qual foi o resultado desse seu encontro com o presidente dos Estados Unidos, George Bush, na última semana? Essa parceria na área de biocombustíveis pode dar resultados econômicos, a curto prazo, para o Brasil ?

**Presidente:** Quando se trata de comércio exterior, quando se trata de parceria, quando se trata de investimento conjunto em pesquisa, há um processo de maturação. E nesse processo de maturação é que nós acreditamos que Estados Unidos e Brasil podem fazer uma parceria que possa mudar a lógica da política energética na área de combustíveis no século XXI.

O que acontece, na verdade? Os Estados Unidos são grandes produtores de álcool e produzem o álcool de milho. O álcool de milho é mais caro do que o álcool de cana-de-açúcar. Só para ter uma idéia, o Brasil precisa investir US\$ 0,28 para produzir um litro de álcool, e os Estados Unidos precisam investir US\$ 0,45 para produzir um litro de álcool de milho. O mais importante é que nós estamos criando um fórum internacional que envolve os Estados Unidos, Brasil, Índia, China, África do Sul e a União Européia, e nós estamos convencidos de que essa parceria passa por investimentos dos países mais ricos em países mais pobres, para que eles possam produzir também o



álcool ou o biocombustível, o biodiesel.

**Luiz Fara Monteiro:** Esse é o “Café com o Presidente”, o programa de rádio do presidente Lula. Presidente, em relação a tornar o álcool uma *commodity*, uma espécie de mercadoria que tem o preço regulado internacionalmente, em que isso favorece o Brasil?

**Presidente:** Antes de falar da *commodity*, deixe-me dizer uma coisa, ainda, da questão comercial, para que o nosso ouvinte entenda perfeitamente bem. O que os países em vias de desenvolvimento estão desejando neste momento? Eles estão exigindo que a Europa permita o acesso dos produtos agrícolas ao mercado europeu, essa é uma coisa que nós queremos. A outra coisa que nós queremos é que os Estados Unidos diminuam os subsídios que eles dão para seus agricultores.

E o que eles querem de nós? Quando eu digo “nós”, é Brasil, China, Índia, África do Sul, Argentina, México. O que eles querem de nós? Que a gente também faça concessões em produtos industriais e no setor de serviços. Ou seja, nós estamos dispostos a fazer a nossa parte, levando em conta a proporcionalidade e a riqueza de cada país porque, no caso da agricultura, enquanto no Brasil nós ainda temos 25% de gente trabalhando no campo, e na África há países que têm 70%, na França você tem 2%. Significa que o peso agrícola para os franceses é muito menor do que o peso para um país africano, que tem uma larga escala de mão-de-obra trabalhando no campo.

Esse tripé, na verdade, esse triângulo que estamos montando, em que cada um faz um pouco de concessão, é que vai garantir o acordo que todos nós estamos torcendo para que aconteça, porque isso seria a salvação dos países mais pobres.

Com relação ao álcool se transformar em *commodity*, eu acho que é uma questão irreversível. Na medida em que o álcool começa a ganhar corpo e



começa a ser misturado na gasolina, e os países do mundo inteiro começam a se preocupar em diminuir a emissão de gás carbônico, e a mistura diminui a emissão, isso significa o quê? Isso significa que logo, logo, o álcool vai ter um preço internacional, portanto, vai ser *commodity*. E nós temos que ter mais responsabilidade, porque temos que, não só oferecer o álcool, mas garantir o suprimento do mercado brasileiro e do mercado internacional. Por isso, nós precisamos plantar muito mais cana, você precisa dinamizar a cultura do álcool por outros países, levando em conta que nós temos que preservar duas coisas.

Primeiro, preservar as nossas matas e a nossa fauna, ou seja, nós não queremos plantar cana-de-açúcar para produzir álcool e nem plantar oleaginosas para produzir biodiesel na Amazônia, por exemplo, ou no Pantanal. Nós queremos utilizar as áreas já degradadas para que a gente possa plantar.

A segunda coisa, também não compete com o alimento, porque o problema do alimento hoje no mundo não é a falta de terra. O problema é que tem uma parte da população muito pobre que não pode consumir.

Então, eu estou convencido, Luiz, de que nós estamos perto de um grande acordo. Eu estou convencido de que se Estados Unidos e Brasil tiverem disposição de cumprir o protocolo que nós assinamos, estaremos dando uma virada na matriz energética mundial, na área de combustível, para os próximos 20 ou 30 anos.

**Luiz Fara Monteiro:** Pois é, o senhor vai aos Estados Unidos no final do mês. Qual vai ser a pauta desse encontro? Etanol e biodiesel vão voltar a ser discutidos nessa conversa?

**Presidente:** Sim, o etanol, o biodiesel, a relação Brasil-Estados Unidos, porque nós temos que levar em conta que os Estados Unidos continuam sendo nosso principal parceiro individual, do ponto de vista do comércio, e é o maior



investidor individual no Brasil. Portanto, nós temos uma relação histórica. Queremos mantê-la, queremos aprimorá-la, isso sem que nós abdicamos do nosso compromisso maior, que é todo o processo de fortalecimento do Mercosul, a constituição da Comunidade Sul-Americana de Nações e o processo de integração que estamos fazendo.

**Luiz Fara Monteiro:** OK. Obrigado, Presidente. Até o nosso próximo Programa.

**Presidente:** Até o próximo Programa, Luiz. E, mais uma vez, obrigado aos ouvintes.

**Luiz Fara Monteiro:** Você pode acessar o “Café com o Presidente” também na internet, em [www. radiobras.gov.br](http://www.radiobras.gov.br). Até a próxima segunda-feira, com mais um.